

RESENHA

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2010. 312p.

Os indivíduos e as estruturas sociais: a perspectiva sociológica de Erving Goffman

THIAGO RODRIGO NAPPI*

Proceder em análises institucionais é sempre uma tarefa, como em qualquer pesquisa que se queira científica, que exige um grande empenho por parte do pesquisador. Talvez seja possível afirmar que um aporte maior a tal objeto seja encontrado em estudos antropológicos e sociológicos. De fato, autores como Pierre Bourdieu (1930 – 2002) e Peter Berger, possuem influentes trabalhos nesse sentido. No rol desses autores, que podem ser designados como interacionistas simbólicos, destaca-se o cientista social canadense Erving Goffman (1922 – 1982), que foi tributário da influência de algumas das ideias weberianas e principalmente do pensamento do também sociólogo alemão Georg Simmel (1858 – 1918). É fator essencial destacar ainda o seu aporte teórico-metodológico, que se deu no âmbito da Escola de Chicago, da qual vários autores coetâneos de Goffman, se tornariam clássicos, assim como ele, do pensamento social. Cabe destacar George H. Mead (*Mind, Self and Society*, University Chicago Press, 1934), Anselm L. Strauss (*Mirrors and Masks*, The Free Press of Glencoe, 1959) e, C. Wright Mills e Hans Gerth (*Character and Social Structure*, Brace and Co., 1953). Erving Goffman legou uma vasta obra no campo das ciências humanas como um todo, especialmente com *Stigma: notes on the management of spoiled identity* (1963), *The presentation of self in every day life* (1959) e ainda *Asylums – Essays on the*

*social situation of
mental patients
and other*

inmates, livro cuja edição brasileira ganhou o título *Manicômios, prisões e conventos*.

A produção de Goffman tem sido sistematicamente traduzida para a língua portuguesa em edições brasileiras. A última, acima citada, data do início da década de 1960, e chegou a sua 8ª edição, publicada pela Editora Perspectiva no ano de 2010. Passados mais de cinquenta anos, as ideias ali apresentadas, com grande riqueza de detalhes e numa fina escrita, tem mantido todo o seu vigor sociológico. Claro que o autor aborda um tipo bem específico de instituição, a instituição total. Isso, porém, não diminui em nada a sua importância para aqueles que visam o estudo relacionado às instituições, e, quase que por consequência, às ideias, já que são dois pontos que se encontram constantemente imbricados. Mesmo porque o conceito de instituição total não é mera abstração intelectual de Goffman, e sim algo construído mediante muito trabalho de campo, no qual ele realizou uma refinada observação empírica num hospital público na cidade de Washington. E tudo isso foi aliado a uma contundente reflexão teórica. O que o autor deixa bem entendido, é que os seus objetos são focalizados mediante um olhar sociológico, mas que esse se encontra aliado a um olhar psicológico, estabelecendo um processo



analítico de reciprocidade entre as duas visadas interpretativas. A sua empreitada foi sendo construída no sentido de se encontrar uma versão sociológica da estrutura performativa do eu. Para isso, ele utilizou-se da abordagem das instituições de um modo geral, e, uma em especial, que enxergou nos hospitais para doentes mentais.

Segundo Goffman, o termo instituição pode ser compreendido como a designação de um estabelecimento social no âmbito do qual ocorre atividades de um tipo determinado – escritórios, fábricas, clubes – e no qual se tem indivíduos também de um determinado tipo, se encontrando numa situação de inter-relação. Toda a instituição, é necessário frisar, toma para si parte do tempo e da atenção desses indivíduos, e em troca, lhes dá algo de um mundo diferenciado e bem específico. Sendo assim, toda instituição tem por característica, um fechamento, um isolamento, pressupondo adesão e compromisso. Algumas delas tendem mais e outras menos para isso. As mais “fechadas”, com fortes barreiras, mesmo que simbólicas, com relação ao mundo exterior e “interdições de saída”, são as que Goffman nomeou de instituições totais. Os exemplos são variados: prisões, conventos, algumas igrejas e suas religiões e também os manicômios, que são densamente estudados pelo autor. A característica básica das instituições desse tipo é o forte controle das necessidades humanas dos grupos de indivíduos por uma organização burocrática bem demarcada. Fumar, ir ao banheiro, telefonar, coisas “naturais” para as demais pessoas, dependem, nesse caso específico, de permissões, e isso acarreta perturbações profundas na estrutura do eu.

O interesse sociológico, disse Goffman, reside no que acontece com o que ele designou “economia do eu”, o que uma instituição total pode fazer com o eu do indivíduo, ou seja, o que se quer revelar é o

mundo do internado, no caso dos hospitais psiquiátricos, como ele se configura. Contudo, o autor não deixou de lado a análise da própria instituição como um todo, muito menos de quem a controla, isto é, a equipe dirigente. E isso pelo simples fato da abordagem de Goffman não permitir segregar como mundos distintos e não penetráveis essas diversas configurações formadores da realidade. Cada indivíduo se desenvolve dentro dos limites de um sistema institucional, seja um estabelecimento social, seja um complexo de relações, ou ambos. Assim, não se entende um ato de um indivíduo como mera ação isolada, ato puro, sem as influências de seu entorno. Inserido num campo institucional total, eles tem até mesmo os seus menores segmentos de suas atividades sob regulamentos e julgamentos. Entretanto, esse quase engessamento das atividades dos indivíduos promovidos por tais “animais sociais” – expressão utilizada pelo autor ao falar das instituições totais –, não enferruja as engrenagens dos sistemas sociais, paralisando os processos sociais, os quais são oscilantes e estão em permanente movimento.

Claro que Erving Goffman focalizou as faces malévolas daquilo que denominou como experimentos de estufas humanas, e isso com relação às profanações do eu por que passam os indivíduos. Efetivamente, as marcas provocadas naqueles inseridos em tais instituições, por meio de todo um simbolismo de ritual institucional específico, são permanentes. Em outras palavras, aquele indivíduo que sai – se é que algum dia isso acontece concretamente – desse campo institucional total, sai com um outro eu, um eu diferente daquele que possuía em sua fase de pré-paciente. Aquele eu anterior é deturpado e outro é “produzido”, moldado para o indivíduo. O caráter denunciativo de todo esse mecanismo institucional limitador está implícito na obra de Goffman, e se encontra em condescendência com parte da

sociologia da época da qual fez parte. Entretanto, o autor visualizou fendas nas estruturas dessas instituições, e são por meio dessas fendas que os indivíduos conseguem preservar resquícios de autonomia, segundo ele apontou. É assim que é possível afirmar que o sentimento de identidade pessoal, o eu mais ou menos estável “adquire sobrevida”, não se ausentando de maneira absoluta.

E foi com tais afirmações que Erving Goffman tentou apresentar o seu modo de “ver sociologicamente”. Com efeito, para ele,

Os sociólogos sempre procuraram mostrar as maneiras pelas quais um indivíduo é formado por grupos, identificando-se com estes, e afinal se destrói, se não for por eles apoiado emocionalmente. No entanto, quando observamos de perto o que ocorre num papel social, um reduto de interação social, um estabelecimento social – ou qualquer outra unidade social – não vemos apenas a atração exercida pela unidade. Sempre encontramos um indivíduo que emprega métodos para manter certa distância, algum recanto livre entre ele e aquilo com que os outros desejam identificá-lo. Sem dúvida, um hospital público para doentes mentais dá um solo muito rico para o desenvolvimento de tais ajustes secundários, mas, na verdade, como erva daninha, surgem em qualquer tipo de organização social. (p. 58).

Ao falar de ajustamentos secundários, Goffman relatou uma série de casos analisados, mediante os quais os indivíduos encontram meios de burlar, propriamente dizendo, as severas regras das instituições totais. Com as suas ideias,

o autor se voltou contra grande parte do pensamento social corrente, e estabeleceu o indivíduo influenciado sim pelas instituições do seu convívio, mas também na posição de agir contra, de desviar a sua participação tanto para um lado como para o outro. Resumidamente, o que o autor quis afirmar é que o indivíduo é uma entidade social capaz de assumir posições. No desenvolvimento dos processos sociais nos quais os indivíduos se encontram inseridos, eles elaboram meios de jogar o jogo da vida social, por exemplo, com os instrumentais disponíveis institucionalmente, de modo a desviar-se ou ao menos amenizar a dor provocada pelas “flechadas verbais” que tendem a desestabilizar (ainda mais) o eu de cada um. Para Goffman, o indivíduo aprende, a duras penas, a manejar os “fios institucionais” que consegue agarrar. A visada sociológica do autor é muito rica, e deve se dizer que fica até mesmo prejudicada pelo espaço tão curto proporcionado para um resenha. Resta atentar para o fato de que vale muito a pena estudar atentamente *Manicômios, prisões e conventos*, obra de linguagem fluida e pautada em boa dose de dados teóricos e empíricos, o que é fruto, como já foi sinalizado, de sua própria formação intelectual na Escola de Chicago. Cabe ainda dizer que o cientista social Erving Goffman, já há mais três décadas falecido, continua sendo até os dias atuais, com o seu legado intelectual, mestre na arte de mostrar como se faz uma boa análise sociológica.

Recebido em 2013-01-30

Publicado em 2013-03-11



* **THIAGO RODRIGO NAPPI** é Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina.